

RAE-IC, Revista de la Asociación Española de
Investigación de la Comunicación

vol. 9, núm. 18 (2022), 224-239

ISSN 2341-2690

DOI: <https://doi.org/10.24137/raeic.9.18.10>

Recibido el 19 de julio de 2022

Aceptado el 7 de noviembre de 2022



Da informação à mobilização solidária: a atuação do Jornalismo das Periferias e Favelas diante da Covid-19 no Brasil

*From information to solidary mobilization: The role of Journalism in
peripheries and slums in the face of Covid-19 in Brazil*

Freire Bezerra, Juliana

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

freire.juliana.bez@gmail.com

Forma de citar este artículo:

Freire Bezerra, J. (2022). Da informação à mobilização solidária: a atuação do Jornalismo das Periferias e Favelas diante da Covid-19 no Brasil. *RAE-IC, Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, 9(18), 224-239. <https://doi.org/10.24137/raeic.9.18.10>

Resumo:

Este estudo exploratório identifica estratégias comunicativas utilizadas pelo Jornalismo das Periferias e Favelas dos estados brasileiros do Rio de Janeiro e de São Paulo, a fim de entender a sua atuação no cenário de pandemia da Covid-19. Do exposto, evidencia-se que diante da crise sanitária, econômica e social agravada pela pandemia, e guiado pelo compromisso do “nós para os nossos”, este jornalismo tem ultrapassado o papel de informante e orientador do seu público, assumindo o de articulador da luta pela inclusão social.

Palavras-chave: Jornalismo Comunitário, cidadania, Covid-19.

Abstract:

This exploratory study identifies communicative strategies used by digital Community Journalism in the Brazilian states of Rio de Janeiro and São Paulo, in order to understand its performance in the Covid-19 pandemic scenario. From the above, it is evident that in the face of the sanitary, economic and social crisis aggravated by the pandemic, and guided by the commitment of “us to ours”, this journalism has gone beyond the role of informant and guiding its public, assuming that of articulator of the struggle for social inclusion.

Keywords: Community Journalism, citizenship, Covid-19.

1. INTRODUÇÃO

Informar, conscientizar e organizar para a mobilização. Estes são os três pilares que ancoram a práxis da comunicação forjada pelos setores populares organizados na América Latina (Peruzzo, 2009a). Se na década de 1970 a Comunicação Popular foi compreendida como uma das estratégias centrais de combate civil aos regimes ditatoriais, recentemente ela foi crucial para o controle da pandemia da Covid-19 no Brasil. Já em março de 2020, quando a doença começava a se espalhar no país, diversos movimentos sociais e iniciativas de comunicação de base popular se articularam em uma grande coalizão nacional chamada *#CoronaNasPeriferias*. A rede de cunho digital reuniu 43 organizações periféricas e faveladas da sociedade civil, espalhadas por dez estados brasileiros (AL, BA, CE, GO, MG, PA, PE, PI, RJ e SP) e no Distrito Federal¹. O

¹ Quatro dessas organizações têm caráter de **movimento social** (Coletivo de Juventude Negra Cara Preta -PE, Coletivo Nós por Nós - GO, Movimento Afronte -BA e Movimento Pela Paz na Periferia: Família MP3 -PI), seis de **educomunicação** (Instituto Mídia Étnica-BA, Jornal Embarque no Direito -SP, Preto Império -SP, Rede Tumulto - PE, São Paulo, na visão dos cria -SP e Vozes das Periferias-SP), oito de **coletivo de comunicação popular e comunitária** (Coletivo Duca- DF, Coletivo Fala Akari- RJ, Coletivo Jovem Tapajônio -PA, Coletivo Papo Reto -RJ, DiCampana Foto Coletivo- SP, Mídia Periférica- BA, PerifaConnection- RJ, Periferia em Foco- PA), doze de **ação cultural, educativa e de direitos humanos** (CBCOM -BA, Cine e Rock- RJ, Coletivo Maré 0800- RJ, Coletivo Pão e tinta – PE, Coletivo Salve Kebrada-SP, ERÊ - Projeto Alternativo para Meninas e Meninos de Rua -AL, Escola Livre de Redução de Danos -PE, JBD - Jovens em busca de Deus- CE, Na Cuia Produtora Cultural- PA, ONG Interferência- SP, Rede ao Redor-BA, Usina de Valores -BA, PE, RJ e SP) e treze de **jornalismo** (Agência Mural de Jornalismo das Periferias- SP, Alma Preta- SP, data_labe- RJ, Desenrola E Não Me Enrola- RJ, Fala Roça- RJ, Favela em Pauta- RJ, Instituto Cultural Coletivo Semifusa/Ribeirão das Neves- MG, Jornalistas Livres -SP e CE, Nós, Mulheres da Periferia- SP, Periferia em Movimento- SP, Revista Afirmativa- BA, The Intercept Brasil- RJ, Voz das Comunidades- RJ). O esforço em torno desta classificação foi feito pela autora do presente artigo com base nos discursos

objetivo delas foi refletir coletivamente sobre como orientar os moradores das realidades periféricas e faveladas a seguirem as recomendações oficiais de saúde, tendo em vista que medidas básicas de prevenção contra a doença sequer podiam ser realizadas em muitos desses contextos. Falta de acesso à água encanada, precariedade de moradias e insegurança alimentar são alguns dos inúmeros fatores que obstaculizavam as práticas de isolamento social e de higiene adequada em realidades marcadas pela pobreza e pela ausência do Estado (Fiocruz, 2020). Uma carta pública elaborada pelos integrantes do movimento sintetizava a discussão realizada naquele momento e cumpriu o papel de nortear as reflexões coletivas e ações de comunicação feitas pelas mídias das periferias e favelas brasileiras. A seguir, um trecho do documento assinado pelas 43 iniciativas.

Vamos começar pelo básico: lavar as mãos! Esta tem sido uma recomendação amplamente divulgada. Como é possível que isso seja realmente feito a fim de evitar a contaminação se a quebrada e a favela estão sem água? O governo e várias organizações indicam o isolamento social como o principal meio de prevenção da doença. Isso não é permitido à nossa realidade! A periferia é a empregada doméstica, o porteiro, o motorista de app, o entregador, o trabalhador informal que precisa estar no ônibus e no metrô vendendo seus produtos para levar renda pra dentro de casa ou o comerciante local que não pode suspender suas atividades. O quanto nossos patrões estão dispostos a seguir os passos que a humanidade pede e permitir que cada um destes profissionais pratique o isolamento e mesmo assim pagar seus salários? Ficar em casa, se isolar, não pode ser sinônimo de falta de renda. Se for assim, como garantir que a população periférica consiga comprar sequer um álcool em gel para ajudar na prevenção da contaminação? Se o governo vai ajudar os grandes empresários a não quebrar, vai ajudar ao favelado pagar suas contas também? (...). Diante de tantas recomendações, a periferia - mesmo sendo a mais afetada -, ainda não está conseguindo participar e se informar como realmente precisa. Precisamos saber apontar caminhos que realmente levem as nossas realidades em consideração. É aí que entramos. Nós, comunicadores periféricos e periféricas de várias partes do país, estamos juntando esforços para colaborar com informações precisas e que realmente consigam alcançar os nossos.

autodeclaratórios contidos nos canais digitais das 43 iniciativas e serve meramente para fins didáticos, haja vista que suas fronteiras de atuação são borradas e geralmente se tocam.

Precisamos saber informar nossas crianças, nossos jovens, nossos idosos, nossos pais, mães e familiares. De nós para os nossos! (#CORONANASPERIFERIAS, 2020).

É da observação desta movimentação comunicacional que nasce o interesse em compreender a forma de atuação do jornalismo das periferias e favelas brasileiras no contexto da pandemia da Covid-19. O presente estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla, igualmente realizada pela autora, e compõe a etapa de pesquisa exploratória sobre o fenômeno de profissionalização que o jornalismo das periferias e favelas brasileiras desenvolve no Brasil. Nas palavras de Mattar (1994, p. 84), a pesquisa exploratória busca “prover o pesquisador de um maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em perspectiva. Por isso, é apropriada para os primeiros estágios da investigação, quando a familiaridade, o conhecimento e a compreensão do fenômeno por parte do pesquisador são geralmente insuficientes ou inexistentes”. Neste artigo, buscou-se observar por meio de observação informal não dirigida —uma das técnicas da pesquisa exploratória segundo Mattar (1994)— as publicações e estratégias comunicativas desenvolvidas em 2020 pelos jornais digitais *Voz das Comunidades* (RJ), *Favela em Pauta* (RJ), *Nós, Mulheres das Periferias* (SP), *Periferia em Movimento* (SP) e *Alma Preta* (SP), todos ligados à rede *#CoronaNasPeriferias*. Selecionamos portais de notícias do eixo Rio de Janeiro-São Paulo pela potência que vêm assumindo nos últimos anos nestas localidades e em virtude do epicentro inicial da pandemia no Brasil ter se situado na região sudeste, onde esses estados se encontram. Já a opção por analisar apenas iniciativas digitais se deu em razão da impossibilidade de realização de um estudo presencial naquele momento, quando as recomendações de distanciamento social estavam em vigor.

No entanto, registra-se que os meios de comunicação social offline, como cartazes, panfletos, cartilhas didáticas, jornais impressos, carros, bikes e moto-som, sistema de autofalantes, rádios comunitárias, comunicação face-a-face, etc. foram primordiais para o preenchimento de lacunas de informações de pertinência pública nas periferias e favelas brasileiras sobre a pandemia da Covid-19. Essas ações comunicativas em seu conjunto e somadas ao jornalismo feito pelas periferias e favelas no universo digital colaboraram para a realização dos objetivos que orienta a Comunicação Popular:

informar para a conscientização sobre as causas do *estar sendo* do mundo e articular a organização coletiva necessária para a transformação social.

2. EDUCAR PARA A AÇÃO COLETIVA: A NATUREZA EMANCIPADORA DA COMUNICAÇÃO POPULAR

Embora não tenha se debruçado especificamente sobre o campo de estudo da Comunicação, a Pedagogia Libertadora e Popular do educador brasileiro Paulo Freire é um marco teórico para a área, sobretudo entre os teóricos latino-americanos (Beltrán, 1981). Para Freire ([1997], 2004a), o combate às privações sociais em contextos marcados pelas desigualdades sociais requer não apenas a denúncia das causas das injustiças, mas também a proposição e o anúncio de um novo mundo possível, mais justo e humano. O contexto histórico em que essa reflexão se desenvolveu foi o de Guerra Fria e de ditaduras militares nos países latino-americanos, sendo a censura à liberdade de pensamento e expressão práticas constantes do autoritarismo vigente. A busca, portanto, pela enunciação de outro mundo possível, embasada em relações horizontais, dialógicas e solidárias se configurou como horizonte político das lutas por cidadania nas décadas de 1970 de 1980.

Na esteira dessa mobilização teórico-prática, que agrupava teóricos progressistas e homens e mulheres das realidades populares, a Comunicação Popular foi estratégica no combate à violência, à violação de direitos, à censura e ao agravamento da pauperização social acarretada pelo então regime político, bem como na formulação da ideia de um novo projeto de sociedade, inspirado em princípios democráticos. Unida à Comunicação Alternativa - cuja proposta é diferente da Comunicação Comercial, por isso o uso do termo *alternativa* - a Comunicação Popular operou um movimento cultural e político de baixo para cima, driblando a censura para gerar histórias não-oficiais sobre o que ocorria em suas realidades (Festa, 1986). Com o mote de informar para a formação e a articulação política, este movimento histórico de enunciação popular apresentou a dimensão pedagógica e emancipadora da Comunicação, quando até então acreditava-se que ela apenas serviria para a persuasão e a opressão de grupos poderosos sobre as minorias sociais (Beltrán, 1981).

O Jornalismo feito pelo e para o povo participou da construção desta pedagogia do estar junto e em movimento, elaborando saberes impulsionadores da mobilização coletiva. Chamado à época de Jornalismo Popular Alternativo foi concebido como uma *necessidade* dos movimentos sociais de base diante da censura ditatorial à liberdade de expressão. Segundo Cicilia Peruzzo (2009a), isso ocorreu porque as camadas populares perceberam que, para mudar os rumos da política, teriam que apropriar-se dos saberes técnicos e tecnológicos da área. Da maturação desse processo resulta posteriormente a compreensão de que a Comunicação como um todo é mais do que uma necessidade: é um *Direito* a ser assegurado, haja vista que se configura como indispensável às lutas cidadãs. Em 1980, o relatório *Um Mundo e Muitas Vozes em nossa época*, feito no âmbito da Unesco, se configurou como o ponto alto da discussão internacional acerca da democratização da mídia para que o Direito à Comunicação fosse plenamente exercido pelas populações periféricas e faveladas (Ramos, 2005). Com o desfalecimento do socialismo real e o boicote das elites econômicas à época, esse projeto, contudo, não se concretizou plenamente. Também passado aquele momento histórico de combate a um inimigo nacional único —a ditadura militar—, o Jornalismo de base e o Alternativo assumiram as suas especificidades no Brasil, voltando o primeiro a atuar em nível local e popular, e não mais em âmbito nacional, ainda que continuasse a fomentar uma outra perspectiva de mundo possível, com a escolha de pautas e os enquadramentos muito específicos, construídos a partir da visão periférica, favelada e popular-rural (Peruzzo, 2009b).

No âmbito dos estudos acadêmicos, esse jornalismo recebeu denominações diversas, sendo chamado de Jornalismo Comunitário, Popular Alternativo, Participativo, Cidadão, Horizontal, Radical. Os conceitos foram construídos a partir das características sobressalentes e singulares de iniciativas pesquisadas em cada época. Segundo Cicilia Peruzzo (2015), a pluralidade de nomenclaturas reflete a heterogeneidade do mosaico de iniciativas com este perfil. Apesar de diversas, elas carregam em comum “o sentido de resistência às condições desfavoráveis à igualdade social e, simultaneamente, a interferência política para modificar essa mesma realidade que promovem” (Peruzzo, 2015, p. 14). Na prática, esse jornalismo pluraliza histórias

circulantes na esfera pública midiática sobre as zonas populares nas áreas rurais, e as periferias e favelas, nas cidades, ofertando complementações ou contrapontos em nível local ao que é veiculado nos conglomerados de comunicação comercial (Peruzzo, 2009b). Continuam assegurando concretamente aos sujeitos campestinos, periféricos e favelados dos países em desenvolvimento mais do que o direito de serem informados, mas também de informarem amplamente suas versões das histórias cotidianas, influenciando na esfera da enunciação discursiva e, portanto, nos rumos da política em sentido amplo. Neste estudo, analisaremos apenas jornais digitais que têm como recorte de cobertura as periferias e favelas cariocas e paulistas, por isso, o denominamos de Jornalismo das Periferias e Favelas brasileiras. As iniciativas aqui estudadas se caracterizam por serem feitas preponderantemente por profissionais de mídia moradores dessas realidades.

Na atualidade brasileira, canais artesanais de jornalismo com esse perfil convivem com canais profissionais. Estes despontam à medida que o acesso ao ensino superior começa tardiamente a se democratizar no país e as possibilidades tecnológicas vigentes também diversificam e aprimoram o cenário comunicacional. Contudo, independente do formato em que se apresente, os saberes técnicos/éticos somados aos corporificados pela experiência de vida nessas realidades têm possibilitado a esses jornalistas construir conhecimentos que denunciam, mas também anunciam no contexto de pandemia da Covid-19. É que, segundo Gaye Tuchman (1999), para construir histórias sobre o mundo da vida cotidiana, os (as) jornalistas fazem uso do repertório cultural que possuem. No caso dos (as) jornalistas moradores de periferias e favelas, a responsabilidade social assumida pelo sentimento de pertencimento às realidades e às populações a que se reportam favorece o estabelecimento não só de uma relação informativa, mas também engajada para a luta pela inclusão social. Em torno de um novo inimigo comum: a Covid-19, eles (as) voltam a se unir em redes mais amplas, estratégia semelhante à realizada durante a ditadura militar². A ideia é, desta forma, construir um trabalho colaborativo e de qualidade para a proteção da vida dos seus,

² A articulação em rede e em coletivos sempre faz parte da cultura solidária e colaborativa que rege a Comunicação Popular. Mas em momentos específicos, de crise, estas redes se tornam mais fortes e atuantes como verificado no contexto de Covid-19.

como será visualizado a seguir, a partir da análise exploratória de ações de comunicação feitas pelos veículos de jornalismo *Voz das Comunidades (RJ)*, *Favela em Pauta (RJ)*, *Nós, Mulheres das Periferias (SP)*, *Periferia em Movimento (SP)* e *Alma Preta (SP)*.

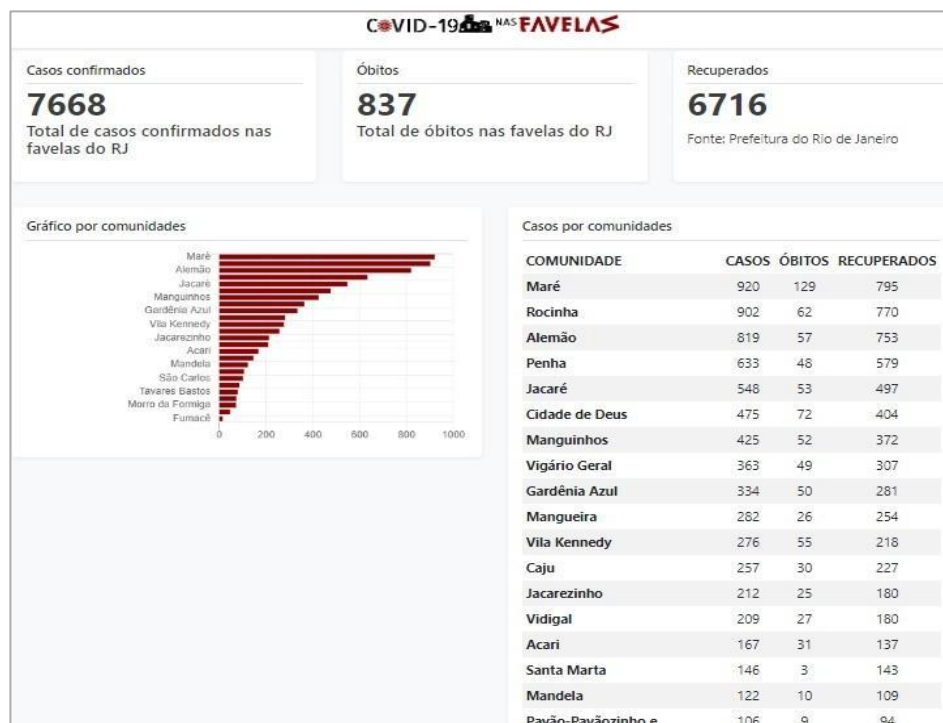
3. DA DENÚNCIA AO ANÚNCIO E VICE-VERSA: A COBERTURA DA PANDEMIA NAS PERIFERIAS

Diante da crise sanitária nas realidades populares brasileiras, em que o frequente desabastecimento de água em muitas moradias impedia a realização de práticas básicas de prevenção contra à Covid-19, o portal comunitário carioca *Voz das Comunidades* não se contentou em denunciar o descaso do poder público com os contextos vulneráveis, tendo organizado o movimento Pandemia com Empatia no Complexo de favelas do Alemão, no Rio de Janeiro, para suprir necessidades básicas da população local. O intuito do movimento foi incitar a doação de água e produtos de higiene para que as pessoas pudessem praticar as medidas de prevenção recomendadas pelas autoridades de saúde. O jornal carioca também se articulou às organizações Mulheres em Ação e Coletivo de Comunicação Papo Reto, situados na mesma localidade, e criou o Gabinete de Crise do Alemão. Formado por cerca de 30 pessoas, esta rede organizou e distribuiu durante mais de um ano doações de alimentos para as populações de favelas do Rio de Janeiro, que sofriam as consequências socioeconômicas da pandemia.

Além disso, o *Voz das Comunidades* apostou no seu jornalismo para cobrar do Governo Brasileiro políticas públicas direcionadas às favelas, ao passo que promoveu a articulação comunitária necessária para suprir a ausência daquele nos contextos vulneráveis. Neste sentido, o jornal comunitário criou o Painel de atualização de Coronavírus nas favelas do Rio de Janeiro. Cruzando dados dos governos municipal e estadual com os ofertados pelas clínicas de saúde nas favelas, localizou como a doença ia se desenvolvendo nestes contextos. Estas informações foram importantes porque as favelas não são consideradas bairros específicos, mas localidades situadas dentro desses, nas mensurações governamentais cariocas. Desta forma, a sistematização realizada pelo jornal, ao evidenciar dados concretos e específicos sobre o que ocorria

nas favelas, ajudaram as redes comunitárias locais a cobrarem com mais força políticas públicas direcionadas às populações faveladas.

Figura 1. Painel de Atualização de Coronavírus nas favelas do Rio de Janeiro



Fonte: Voz das Comunidades

Em *live* promovida pela Anistia Internacional Brasil em maio de 2020, um dos integrantes do Gabinete de Crise do Complexo do Alemão (RJ), Raul Santiago, afirmou que a Comunicação Comunitária desenvolvida por jornalistas das periferias e favelas brasileiras estava incitando também a velha cultura da solidariedade entre vizinhos para que ninguém fosse deixado para trás. Desta forma, quem tinha o recurso da água por exemplo era estimulado a compartilhar com quem estava desassistido. Em matéria chamada *#COVID19NasFavelas: Solidariedade em tempos de pandemia*, esta cultura solidária, além de articulada e incitada, também foi pautada pelo *Voz das Comunidades* (2020). Na notícia é mostrado como os moradores das favelas cariocas estavam se mobilizando para proteger os idosos das comunidades, fazendo as compras necessárias para que as pessoas desse grupo de risco permanecessem em casa.

O Nós Mulheres das Periferias, um site jornalístico de São Paulo com recorte de gênero, raça e território, também pautou os saberes inventivos criados pelo protagonismo

popular para driblar a falta de recursos. Em matéria *Mulheres fazem sabão caseiros e improvisam itens de limpeza*, é noticiado o protagonismo feminino na produção e no compartilhamento gratuito de produtos de higiene com os vizinhos em uma favela em São Paulo. A receita do sabão caseiro é também disponibilizada para que mais pessoas possam fazê-lo, a fim de se prevenirem da Covid-19. A onda de solidariedade igualmente motivou o jornal carioca *Favela em Pauta*, no Rio de Janeiro, a se articular ao Instituto Marielle Franco para mapear ações solidárias de apoio às populações vulneráveis no cenário de pandemia. O Mapa Corona nas Periferias (Figura 1) sistematizou em um só lugar essas ações, visando que os cidadãos que podiam doar soubessem para onde se dirigir e os que precisavam receber a quem recorrer nas proximidades onde residem.

Figura 2. Mapa Corona nas Periferias



Fonte: Instituto Marielle Franco e Favela em Pauta (2020)

Além disso, articulações foram promovidas entre redes estaduais de coletivos de jornalismo. Os jornais digitais *Alma Preta*, *Periferia em Movimento* e *Desenrola e Não Me Enrola* buscaram combater os conteúdos fraudulentos, as chamadas *fake news*, nas periferias de São Paulo por meio do podcast *Pandemia sem Neurose*. Simultaneamente, o podcast trouxe informações sobre formas de prevenção em relação à doença, bem

como pautou medidas governamentais e ações comunitárias, que auxiliavam os moradores de periferias a enfrentarem o então contexto de crise. Em suma, seus conteúdos foram voltados a enfatizar proposições e saídas forjadas para o enfrentamento da Covid-19 e suas consequências. Também em São Paulo, os jornais *Periferia em Movimento*, *Alma Preta*, *Nós*, *Mulheres da Periferia* e *Rádio Cantareira* criaram uma rede estadual chamada *#SalveCriadores*, que, a partir de mirada crítica, produziu reflexões sobre os efeitos socioeconômicos da Covid-19 entre as populações negras, indígenas e periféricas. O intuito deste movimento foi preencher lacunas de informações e conferir outros pontos de vista sobre o então cenário, possibilitando igualmente um alcance mais amplo de público.

Em âmbito denunciativo, o movimento dos jornais ligados à rede *#CoronaNasPeriferias* evidenciou o agravamento das desigualdades sociais na pandemia, como pode ser visualizado na matéria *Ensino à distância “deixa nu” abismo social em que as periferias foram colocadas*, do jornal digital *Periferia em Movimento* (2020a). Nela, a exclusão digital é uma das principais questões pautadas. O Auxílio Emergencial, recurso financeiro destinado pelo Governo Federal às populações vulneráveis na pandemia, também foi duramente criticado pela sua morosidade e ineficiência. Na matéria *Sem sinal: a batalha para solicitar o auxílio de R\$ 600 onde o celular não pega* menciona-se novamente como a exclusão digital dificulta o acesso a recursos e direitos pelas pessoas em situação de vulnerabilidade (Periferia em movimento, 2020b). Em *Falta d’água para prevenção do coronavírus escancara racismo ambiental*, é evidenciado que o desabastecimento de água se relaciona ao racismo ambiental, que condiciona pessoas negras a residirem em territórios mais vulneráveis às condições climáticas (Periferia em movimento, 2020c). A matéria também destaca a ação da Coalizão pelo Clima que tem mapeado os pontos onde falta água em São Paulo e a partir disso tem cobrado das autoridades públicas ações para o enfrentamento do problema, inclusive para as pessoas em situação de rua. Os resultados colhidos em razão destas cobranças são impactos mensuráveis do trabalho jornalístico realizado e da pressão popular. Segundo a matéria, este movimento propiciou que o poder público de São Paulo se mobilizasse para instalar pontos de abastecimento de água na cidade, entre outras conquistas.

Igualmente em âmbito denunciativo, diversos portais digitais das periferias evidenciaram que a presença do Estado nessas localidades se deu preponderantemente em forma de violência policial na pandemia. O assassinato de um homem negro por um policial branco nos Estados Unidos, o caso George Floyd, em 2020, ocasionou protestos antirracistas em todo o mundo. Mas, no caso brasileiro, foram nas periferias e favelas brasileiras que famílias enlutadas vestiram suas máscaras para se protegerem da Covid-19 e caminharam pelas ruas contra o assassinato de jovens negros e pobres. O portal brasileiro *Alma Preta* que produz um jornalismo especializado em questão racial frequentemente propiciou em primeira mão o relato de acontecimentos racistas nesta pandemia. Em suas mídias digitais, divulgou muitas vezes em formato de vídeos e em tempo real os abusos e autoritarismo contra pessoas negras, bem como as lutas de resistência encampadas por elas. Combinada à discussão internacional sobre o racismo e o antirracismo, essas matérias têm motivado em âmbito nacional o debate social de tal forma que se tornaram inspiração de pauta a ser utilizada pela imprensa comercial, ainda que esta historicamente tenha invisibilizado o assunto em seus noticiários. Na matéria *Documentário registra os impactos da pandemia nas periferias*, o *Alma Preta* anuncia a veiculação de produção audiovisual intitulada *Pandemia do Sistema* em suas redes sociais no mês de agosto de 2020. Realizado pela Zalica Produções, o documentário “denuncia as ausências do estado e mostra como nos lugares mais pretos e pobres a frase ‘Nóis só tem nóis’ é uma realidade”. Por perspectiva similar, a matéria intitulada *Na base do “nós por nós”, vaquinhas e redes de apoio amenizam o impacto da Covid-19*, o *Periferia em Movimento* (2020d) endossa que, não fosse a velha cultura da solidariedade e o protagonismo comunitário, a crise sanitária, econômica e de saúde no Brasil seria bem mais forte nas realidades populares.

Do exposto, evidencia-se que as iniciativas de jornalismo aqui analisadas construíram cumulativamente um duplo processo pedagógico no contexto inicial de pandemia da Covid-19. Por um lado, denunciaram em seus canais digitais o descaso histórico do poder público com as realidades populares, cobrando, simultaneamente, medidas pensadas com e para elas no período de crise. Por outro, abasteceram as populações periféricas e faveladas de conhecimentos de pertinência popular para que pudessem

minimamente se proteger com os recursos que dispunham. Para a viabilização dessa ação conjunta, os agentes de comunicação periférica e favelada pertencentes à rede *#CoronaNasPeriferias* organizaram *lives* cujo objetivo era a reflexão coletiva sobre a melhor forma de informar os seus. Simultaneamente, articularam parcerias entre si para alcançar via mídias digitais o maior número de pessoas, com informação de pertinência popular, encharcada da realidade periférica e favelada. Neste processo propositivo, a Comunicação Popular, de maneira geral, e o Jornalismo das periferias e favelas brasileiras, especificamente, colaboraram para a articulação de movimentos sociais comunitários e de uma onda de solidariedade, incitando o protagonismo comunitário e cidadão, sobretudo pela ausência do poder público nestes espaços. Guiado pelo compromisso comunitário, cujo lema era dos “nossos para os nossos”, este jornalismo conseguiu ultrapassar o papel de informante e orientador, assumindo o de articulador da luta pela inclusão social, como propunha a rede *#CoronaNasPeriferias*. Em outras palavras, jornais com este perfil mostraram em 2020 que continuam sendo um instrumento importante da luta política pela inclusão social e um vetor indispensável da Comunicação Popular.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como pretensão trazer um olhar localizado sobre as ações de comunicação realizadas por iniciativas de jornalismo digital de periferias e favelas no Rio de Janeiro e em São Paulo, no Brasil, no contexto de pandemia da Covid-19. Do exposto evidencia-se que o forte sentimento de pertencimento e engajamento entre jornalistas e público que compartilham de um mesmo local de origem e morada, bem como o conhecimento prévio sobre a lógica das realidades populares, contribuíram para que as iniciativas de jornalismo aqui analisadas criassem saberes inventivos para o enfrentamento da crise atual. Desta forma, sabendo dos desafios socioeconômicos que obstaculizavam a prática de medidas de prevenção contra a Covid-19, estas iniciativas indicaram caminhos por onde as populações periféricas e faveladas poderiam seguir para se protegerem com os recursos que possuíam. Por isso, a velha cultura da solidariedade entre vizinhos, a qual rege a cultura popular e o protagonismo cidadão, foram estimulados frequentemente como orientação social indicada nas matérias. Com

o lema do “nós por nós”, em virtude da ausência do poder público nas periferias e favelas, tais iniciativas jornalísticas articularam junto a movimentos sociais campanhas de doação de alimentos, produtos de higiene, etc. Igualmente, organizaram iniciativas informativas pertinentes para a tomada de ações conscientes nas periferias, como o Mapa Corona nas Periferias, que indica as ações solidárias realizadas em todo o Brasil, bem como o Painel de atualização de Coronavírus nas favelas do Rio de Janeiro, que mensura como a doença se desenvolve nas realidades populares cariocas. Todas as iniciativas aqui mencionadas participaram da grande coalizão nacional chamada *#CoronaNasPeriferia*, compartilhando os saberes inventivos, cobrando do Poder Executivo medidas pensadas para as realidades populares e denunciando a violência policial que crescia nas periferias mesmo com a pandemia. Da denúncia à proposição, estas iniciativas jornalísticas em conjunto têm desempenhado um papel estratégico no projeto emancipatório que rege à luta pela democratização social. No então contexto de crise, sua relevância social se tornou ainda mais evidente.

5. REFERÊNCIAS

Alma Preta. Documentário registra os impactos da pandemia nas periferias. Disponível em <https://cutt.ly/NMheYwD>

Anistia Internacional. Impactos da Covid-19 sobre favelas e periferias/ Nossas vidas importam (live). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=an5I1jjXXR4>

Beltrán, L. R. (1981). Adeus a Aristóteles. *Comunicação e Sociedade: revista do Programa de Comunicação*, 6, 5-35.

#CORONANASPERIFERIAS (2020). Carta pública disponível em <https://cutt.ly/OMhe06F>

Festa, R. (1986). *Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa*. Em: R. Festa, C. E. L. Silva (Orgs). *Comunicação Popular e Alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas.

Fiocruz (2020). Boletim Socioepidemiológico da Covid-19 nas favelas: análise da frequência, incidência, mortalidade e letalidade por Covid-19 em favelas cariocas, n. 1, 2020. Disponível em <https://cutt.ly/gMhrhrc>

Freire, P. ([1968], 2010). *Extensão ou Comunicação?* 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. ([1997], 2004). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Instituto Marielle Franco; Favela em pauta (2020). Mapa Corona Nas Periferias, 2020. Disponível em <https://cutt.ly/nMhr0Oo>

Mattar, F. N. (1994). *Pesquisa de marketing*. São Paulo: Atlas.

Nós, Mulheres da periferia (2020). Mulheres fazem sabão caseiros e improvisam itens de limpeza. Disponível em <https://cutt.ly/gMhty50>

Periferia em movimento (a) (s/d). Ensino à distância “deixa nu” abismo social em que as periferias foram colocadas. Disponível em <https://cutt.ly/OMhtjnd>

Periferia em movimento (b) (s/d). Sem sinal: a batalha para solicitar o auxílio de R\$ 600 onde o celular não pega. Disponível em <https://cutt.ly/jMhtvPS>

Periferia em movimento (c) (s/f). Falta d’água para prevenção do coronavírus escancara racismo ambiental. Disponível em <https://cutt.ly/RMhtRvQ>

Periferia em movimento (d) (s/f). Na base do “nós por nós”, vaquinhas e redes de apoio amenizam o impacto da Covid-19. Disponível em <https://cutt.ly/1MhtGcN>

Peruzzo, C. (2009a). Direito à Comunicação Comunitária, Participação Popular e Cidadania. *Revista Lumina*, 1(1), 1-29.

Peruzzo, C. (2009b). Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. *Galáxia*, 17, 131-146.

Peruzzo, C. (2015). Introdução. Em: C. Peruzzo e M. A. Otre. *Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa no Brasil* (pp. 13-17). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo.

Ramos, M. C. (2015). Comunicação, direitos sociais e políticas públicas. Em: J. Marques de Melo e L. Sathler. *Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação*. São Bernardo do Campo, SP: Umesp.

Tuchman, G. (1999). Contando “estórias”. Em: N. Traquina. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega.

Voz das comunidades (s/d). Painel de atualização do coronavírus nas favelas cariocas. Disponível em <https://cutt.ly/YMhyPv4>

Voz das comunidades. #COVID19NasFavelas (2020) Solidariedade em tempos de pandemia. Disponível em <https://cutt.ly/CMhySRw>